# ELOGIO HISTORICO

DE

# D. FREI FRANCISCO DE S. LUIZ

RECITADO NA SESSÃO PUBLICA

DA

## ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

EM 19 DE NOVEMBRO DE 1856

PELO SOCIO EFFECTIVO, VICE-SECRETARIO SERVINDO DE SECRETARIO GERAL

JOSÉ MARIA LATINO COELHO

SEGUNDA EDIÇAO

LISBOA
TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA
1878

# ELOGIO HISTORICO

DE

# D. FREI FRANCISCO DE S. LUIZ

# ELOGIO HISTORICO

DE

# D. FREI FRANCISCO DE S. LUIZ

RECITADO NA SESSÃO PUBLICA

DA

## ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

EM 19 DE NOVEMBRO DE 1856

PELO SOCIO EFFECTIVO, VICE-SECRETARIO SERVINDO DE SECRETARIO GERAL

JOSÉ MARIA LATINO COELHO

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA
TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA
1878

# ELOGIO HISTORICO

DO SOCIO EFFECTIVO

# D. Fr. FRANCISCO DE S. LUIZ

RECITADO NA SESSÃO PUBLICA

DA

## ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

EM 19 DE NOVEMBRO DE 1856

PELO SOCIO EFFECTIVO VICE-SECRETARIO, SERVINDO DE SECRETARIO GERAL

JOSÉ MARIA LATINO COELHO

---

SENHORES:

Quantos homens tem havido no mundo que só de heroes tiveram um dia as palmas, que lhes ceifou a occasião, ou de sabios o laurel, que lhes enramou a parcialidade! Grandes na terra e na vida; pequenos nas cinzas e no tumulo! A estes lhes enflorou o caminho das honras e grandezas humanas a liberalidade dos poderosos, ou a aura popular tão fugaz e voluvel como elles; e encerrados na urna funerária, ahi, onde as coroas lhes faltaram com a sombra, ou as turbas com a admiração, os veio julgar severamente a posteridade inexoravel.

Para que um nome seja memorado no livro de oiro dos juizes contemporaneos, basta que ali o escreva—quantas vezes com sangue!—a fortuna ou o favor. Para que seja memoravel nos annaes em

que se regista a gloria, é mister que além da campa o estejam canonizando em clamores eloquentes os merecimentos e as virtudes pessoaes.

Muitas vezes o mundo, ao depositar na ultima jazida, os restos do homem, a quem cingiu com a aureola de triumphos ephemeros, diz com arrogancia ao tumulo:—Tu não apagarás o nome, que illustrou um dia as cinzas que te confio. E o tumulo esconde no esquecimento as cinzas e mais o nome.

É que ali naufragam sem remedio as glorias feitiças, e dissipam-se os falsos esplendores, e esquecem para sempre as mentidas reputações. Triste, mas necessaria condição, que do pó hajam de brotar e florecer mimosas e viridentes as palmas do talento e as flores da verdadeira gloria! Diante de um sepulchro illustre, os carmes do poeta, que elle encerra, parecem altear-se mais sonoros, e a inveja não afoga nos seus clamores os sons da lyra que se desata em melodias. A voz dos oradores, se não sôa já inspirada pelo enthusiasmo das assembléas e pelas tormentas da tribuna, deixa-se ouvir mais insinuante e mais formosa nos echos purificados de todo o vestigio de paixão. Tira a morte aos Thersites os louros usurpados para cingir com elles a fronte dos heroes. Na vida são os Mecenas que douram com os mundanos clarões que lhes sobejam os louros altivos dos Virgilios. Na morte são os Virgilios, que illuminam e perpetuam com os reflexos da sua gloria os vultos secundarios dos Mecenas. No tumulo as proprias corôas já não deslumbram pela soberania; nem as togas pela veneração; nem as mitras pela auctoridade; ali nem a propria espada vencedora tem muitas vezes o privilegio de conservar a mesma tempera, que a fortuna lhe imprimiu e lhe encareceu muitas vezes a opinião. Não basta ter nascido principe para ser agora um nome illustre; haver sido afortunado, para ser agora heroe; ter empunhado o baculo, para ser hoje doutor da egreja; não basta haver sido grande homem, como o entende o mundo nos seus respeitos de um dia, para merecer tão nobres e tão desinteressados honras posthumas como as que votâmos hoje nesta Real Academia aos nomes esclarecidos, cuja memoria vindes glorificar.

Tudo quanto póde, porém, haver de auctoridade, de prestigio, de grandeza, e de jerarchia, quantos titulos reparte a largueza dos principes, o favor das multidões, e a liberalidade da fortuna, se acharam reunidos na pessoa do Cardeal Patriarcha, D. Fr. Francisco de S. Luiz, cuja memoria me encarregastes de hoje celebrar na publica solemnidade desta nossa corporação.

Membro da mais eminente das jerarchias ecclesiasticas pela purpura cardinalicia; prelado da mais condecorada diocese da egreja lusitana; bispo reservatario de Coimbra: reformador reitor da universidade; conde de Arganil; senhor de Coja; conselheiro d'estado; membro, e vice-presidente da camara dos pares; ministro e secretario d'estado; deputado ás côrtes, e por tres vezes presidente da camara electiva; guarda-mór da torre do tombo; vice-presidente da academia real das sciencias; grão-cruz da ordem de Christo, sobejaram-lhe para as ambições mundanas as prerogativas da mais elevada jurisdicção, para os respeitos humanos os titulos da grandeza nobiliaria, para os desvanecimentos do amor proprio os obsequios da real munificencia, e para as lisonjas da popularidade os testemunhos do respeito nacional.

E tantas distincções illustres e tão altas qualificações não poderiam recommendar um nome á veneração da posteridade, e as honras academicas que neste dia votâmos aos benemeritos da litteratura e da sciencia.

Mas os talentos e as virtudes resplandeceram com maior luzimento e fidalguia em D. Fr. Francisco de S. Luiz, do que os esplendores que lhe emprestou o mundo, do que as mitras, os brazões, os arminhos, e as purpuras, que em tantos homens são os ornamentos com que a indulgencia e o favor amnistiam tantas vezes a mediania de serviços, a curteza dos entendimentos, a vulgaridade das virtudes, e a ausencia das vocações.

Em D. Fr. Francisco de S. Luiz os attributos exteriores com que o condecorou a auctoridade dos pontifices, a liberalidade dos soberanos, e o suffragio do povo portuguez, foram apenas a sancção com que as potestades da egreja e do estado confirmaram em visiveis documentos o engenho, o patriotismo, e as virtudes do monge e do cidadão.

Se não tivera trajado a purpura romana, teria tido por distincção a honra mais singular de a ter merecido pelo seus dotes evangelicos. Se não houvera subido nunca ás prelaturas, o seu aspecto venerando, e os seus costumes verdadeiramente pastoraes, teriam feito lembrar nelle a auctoridade e a doutrina dos prelados. Longe da côrte e dos negocios, a lisura da sua palavra, a energia do seu espirito, a prudencia dos seus conselhos, a abnegação nos triumphos, a longanimidade nos revezes, a tolerancia dos sentimentos, a serenidade do seu animo, e a firmeza das suas resoluções, têl-o-hiam recommendado ao povo como defensor, á coroa como conselheiro, á revolução como guia

e moderador, á ordem constitucional como apoio e esteio inabalavel.

Nada ha tão bello e tão edificante na vida do Cardeal como o affecto e a diligencia com que elle soube conciliar a austeridade da clausura com o amor da sua patria, com as glorias e as tradições da sua terra, e com o culto sincero e fervoroso da liberdade nacional.

O habito benedictino, que lhe sanctificou a vida, não pôde nunca mirrar-lhe o coração, nem amesquinhar-lhe o espirito. Debaixo do saial do monge vibrou sempre em rasgos de patriotismo e em vôos de ambição litteraria, a indole do sabio e a tempera do cidadão.

O mosteiro que para os ascetas é tumulo, para os indolentes ocio, para os attribulados conforto, para os mundanos ambição, foi para elle o lugar de retiro em que a ambição era licita, quando fitava o bem da sua patria, o conforto doce, porque não ia alliviar o espinho de passados infortunios, o tumulo nada temoroso, porque se cerrava apenas sobre as profanidades do coração, sem mirrar-lhe os affectos generosos, e o ocio precioso, porque era para o Cardeal a semente d'onde haviam de brotar no claustro, as flores da mais variada erudição e os fructos da mais copiosa litteratura.

A feição mais proeminente, que releva e caracterisa o vulto moral de D. Fr. Francisco de S. Luiz, é o entranhavel carinho, com que elle amou a sua patria. Ha nas obras litterarias uma physionomia que retrata ao natural as tendencias e as paixões do escriptor. O espirito reflecte nos escriptos a luz com que o illumina o coração. Em Rousseau o paradoxo veste-se de galla em todas as concepções d'aquelle grande pensador, e, através das fórmas em que o estylo engrinalda a idéa, transparece a bravosidade e independencia de um caracter irrequieto e original. Em Voltaire admira-se em todos os generos de litteratura que elle enriqueceu e fecundou, o talento indisciplinado e o animo arrogante, que de pé no meio de dois seculos, regista a cada passo, as idéas que pertendem dominar, e lhes rasga desapiedado os titulos com que demandam o acatamento dos vindouros. Na epopêa, é a razão que vem incarnar no protogonista. Na tragedia, é a philosophia calçando o cothurno, e demolindo em bellos versos os preconceitos da tradição e os erros da auctoridade.

Em D. Fr. Francisco de S. Luiz a patria é o assumpto principal das suas obras. Ha neste ponto uma notavel analogia entre o monge benedictino, e o Padre Antonio Vieira. Em ambos é o patriotismo ardente a principal Camena que os inspira. Em Antonio Vieira, o amor da sua terra esconde sob a roupeta do jesuita os talentos e os

recursos do estadista. Em D. Fr. Francisco de S. Luiz, similhante e não menos fervoroso sentimento lhe accende, sob a humildade da cogulla, os brios e o esforço para as grandes emprezas em que vae a salvação e o bem do estado. Fr. Francisco de S. Luiz apparece pela primeira vez na scena publica, membro de uma junta popular, levantada no Minho para organisar a resistencia de Portugal contra as phalanges invasoras do primeiro Napoleão. O Padre Antonio Vieira apparece como figura principal em todas as occasiões e em todos os logares, em que se pede contra a arrogancia castelhana um coração verdadeiramente portuguez, um espirito fertil e inventivo, um animo aventuroso e resoluto, e um conselho prudente e moderado. Apparece D. Fr. Francisco de S. Luiz pela segunda vez no fòro popular para tutellar as liberdades que proclamára a revolução, e para humilhar e corrigir, pela pratica do regimen representativo, as demasias dos poderosos e as corrupções dos privilegiados. E Antonio Vieira, quasi que não subiu uma só vez ao pulpito, que não aproveitasse aquella só tribuna dos seus tempos, para vindicar os fóros dos humildes, e para dourar nas apparencias da homilia a objurgação politica e a vehemente imprecação contra os que, por ambições e desacertos, arriscavam a honra deste reino e devoravam a mais preciosa substancia da nação.

Em um e em outro sempre o culto da patria nas emprezas e nos escriptos. Em Antonio Vieira, o negociador da Hollanda, o politico das missões, o conselheiro respeitoso, mas desassombrado, do primeiro rei da casa de Bragança. Em Fr. Francisco de S. Luiz o membro da regencia, o presidente da camara electiva, e o secretario de estado da Rainha constitucional. Nos escriptos de um o patriotismo sculpe muitas vezes a satyra vigorosa na apparente candura do sermonario. Nos escriptos do outro a affeição da terra natal, manifesta-se nas investigações da sua historia, nos estudos da sua opulenta litteratura, no seu affecto á antiga pureza da linguagem vernacula; e quando o patriotismo solta a voz dos interesses populares, como no Manifesto ás Nações da Europa, como na Carta a ElRei D. João VI., as paixões e os odios facciosos passam de longe, para não deslustrar com o halito a luz serena e radiante da liberdade nacional.

É o idioma de um povo a mais eloquente revelação da sua nacionalidade e da sua independencia. Na linguagem andam vinculadas as suas grandezas e as suas gloriosas tradições. A alteração viciosa e irracional da sua indole propria, testifica a irrupção de idéas e de costumes peregrinos, que vieram corromper e desluzir o caracter primitivo da nação. Em todos os povos policiados, os fastos da litteratura cor-

rem parallelos aos fastos da vida nacional. Com as mais notaveis glorias da navegação e da espada se ajustaram as mais altivas galhardias da linguagem portugueza. Quando o genio emprehendedor da nossa antiga gente amadureceu para a conquista e senhorio do Oriente, a linguagem, de inculta e balbuciante que havia sido nos primeiros seculos da monarchia, fixou-se em fórmas elegantes e em arrojos varonis nos cantos heroicos de Camões. Como se a Providencia se comprazesse de aprimorar e enriquecer o idioma de cada povo, na sasão em que as suas emprezas mais florecem, e em que as glorias nacionaes esperam impacientes um cantor,

D. Fr. Francisco de S. Luiz, esforçou-se desde os primeiros tempos da sua vida litteraria em consubstanciar nos seus escriptos esta face brilhante, porque o amor da patria se desentranha em affectos pela boa e genuina linguagem nacional. Apenas graduado de doutor na faculdade de theologia, o erudito benedictino patentêa a sua vocação litteraria, respondendo n'uma douta memoria á these que esta Real Academia havia proposto no seu programma de 1792. A comparação critica entre a historia de D. João de Castro, por Jacintho Freire de Andrade e a vida de D. Paulo de Lima, por Diogo de Couto, abrem a D. Fr. Francisco de S. Luiz a carreira dos estudos philologicos e das investigações historicas, e conquistam-lhe um logar de membro correspondente desta Real Academia, em edade, em que raramente os engenhos mais mimosos e predilectos da fortuna se viam então lisongeados com esta appetecida e honrosa distincção.

A esta devoção e enthusiasmo com que D. Fr. Francisco de S. Luiz cultivou em toda a sua vida o idioma vernaculo, se deveu o seu *Ensaio sobre alguns synonymos da lingua portugueza*, cujo 1.º volume, já desde alguns annos composto e remettido á Academia, só veio a lume em 1821.

É, porém, no *glossario das palavras e phrases da lingua franceza, que se tem introduzido na locução portugueza moderna*, que o Cardeal Saraiva tornou patente, a par de muita erudição, o zêlo com que velava pelo recato e esplendor do vocabulario classico. Porventura os excessos e atrevimentos da ignorancia e desprimor com que uma plebe obscura de escriptores havia corrompido e profanado a lingua portugueza, violentou o douto benedictino, na revindicta do purismo, a capitular de gallicismos e a pôr a nota de pouco auctorisados, a vocabulos, aos quaes as innovações deste seculo haviam com razão naturalisado, e que nos escriptos de alguns prosadores exemplares haviam solemnemente recebido o baptismo portuguez.

A este desejo, que D. Fr. Francisco de S. Luiz sempre nutriu de contribuir para levantar a decaida e humilhada linguagem patria, se deve tambem o seu—*glossario dos vocabulos portuguezes derivados das linguas orientaes e africanas, excepto a arabe.* E tão vehemente foi sempre no nosso illustre consocio a devoção com que cultivava o nativo idioma, que, não contente com haver denunciado no seu *glossario de gallicismos* as perolas falsas e os atavios alheios com que lhe haviam afeiado a magestade, levou o seu enthusiasmo a procurar em remotissimas origens o seu nascimento e formação. Passára como em julgado a affinidade e parentesco da linguagem portugueza com a latina, e o celebrado verso de Camões resumira neste ponto, imprimindo-lhe o caracter de dogma, a crença geralmente acceita e popular. O Cardeal Saraiva, encarecendo as preeminencias de uma genealogia quasi mythologica, no idioma de uma nação, julgando porventura desairada a lingua materna, se de tão proximo tronco, como era o romano, descendesse, intentou provar n'uma Memoria philologica os erros da doutrina recebida. Esta Memoria, moldada na locução correcta e alinhada, e no estylo simples mas elegante, que sempre distinguiu os escriptos do Cardeal, se não pôde levar a persuasão aos espiritos racionavelmente obstinados na filiação latina, abriu o caminho a um genero de investigações quasi desconhecidas em Portugal, as que se referem aos primordios, desenvolvimento e perfeição do idioma portuguez.

A penna, que havia traçado no *glossario dos gallicismos* o roteiro litterario, onde appareciam notados aos escriptores da moderna geração, os escolhos da linguagem viciada; a penna, que depois havia de enriquecer de notas e documentos a edição academica da vida de D. João de Castro, não podia ficar ociosa, quando um critico arrogante pertendeu contradizer, no tribunal da sua propria e singular opinião, o juizo que havia formado de Camões a idolatria dos seus naturaes, e a imparcial admiração dos criticos extranhos.

José Agostinho de Macedo, em quem a ambição litteraria tanto sobrepujava á faculdade inventiva e á verdadeira inspiração, invejava desde muito tempo o logar que as musas haviam elegido para Camões no Parnaso portuguez, e inventava alevantar a sua propria reputação sobre o pedestal usurpado ao immortal cantor do Gama. Á sentença confirmada por tantos philologos doutissimos, só se atrevêra a pôr embargos um sillographo de tão somenos valia. Alguem erguêra mãos sacrilegas contra os louros de Camões, e ousára profanar a religião da patria, infamando um nome, que era o symbolo poetico do povo por-

tuguez. O monge benedictino acudiu a reparar o aggravo, e na defeza, que então se publicou, a auctoridade do patrono não desmereceu da fama do cliente.

São numerosos os documentos que nos legou o Cardeal Saraiva do fervor e devoção com que esteve por muitos annos cultivando a historia e as antiguidades de Portugal. O ardor com que se esmerou em exalçar as glorias patrias, não o cegou, como a tantos nossos historiadores, nem lhe tornou o animo propenso a acceitar sem exame nem criterio as mais erroneas tradições, nem a inventar, como tantos monges chronistas, as mais extravagantes fraudes pias, para engrandecer, com o prestigio de acontecimentos maravilhosos, o berço e fundação do nosso Portugal. Os exemplos de conscienciosa investigação historica, que lhe offerecia, dentro da sua propria ordem religiosa, a celebrada e eruditissima congregação maurina, as multiplicadas occasiões que se lhe depararam de estudar os preciosos archivos nos mosteiros da sua religião, inspiraram-lhe a crença de que a historia se não póde já hoje escrever segundo as chronicas viciadas pela credulidade, e que o viver antigo dos povos só póde reconstruir-se neste seculo pelos documentos e pelos testemunhos genuinos, interpretados pela diplomatica e allumiados pela luz da critica moderna.

Que D. Fr. Francisco de S. Luiz seguisse no claustro as tradições de erudição e de archeologia, não é para estranhar em quem tinha o incitamento da vocação, e a singeleza e bonança da vida monachal a convidar-lhe o engenho, e a estimular-lhe a ambição das glorias litterarias.

Mas que o monge haja de inscrever o seu nome nas memorias da revolução politica e nos martyrologios da liberdade, eis-ahi o que não se esperaria facilmente de quem pelo habito parecêra renunciar ás luctas da vida publica e aos mundanos arrebatamentos da tribuna popular.

Hoje que a liberdade enraizada neste solo portuguez, e que a paz e a tolerancia promettem sazonar os fructos das nossas já passadas revoluções, como é para admirar este monge que sae da obscuridade do seu encerro, para alliar o seu esforço, a sua auctoridade e a sua palavra á altivez da revolução sem arriscar a humildade do seu caracter, ás tempestades da politica sem alterar a serenidade do seu animo, aos extremos da discordia civil sem desmerecer os quilates da sua caridade monachal!

Muitas vezes os talentos que a clausura a principio recatára, vieram a patentear-se nas scenas da republica e nos episodios das luctas

populares. Não raros nos offerece a historia exemplos de estadistas e de tribunos, que fizeram no claustro o tirocinio das suas vocações, que nas apparencias da modestia aprenderam a intemperança da ambição, e nas falsas mostras da obediencia as arrogancias da auctoridade.

Mas D. Fr. Francisco de S. Luiz, deixando a cella pelos conselhos supremos da nação, nem foi agitador, como Savonarola, nem dominador como Cisneros. Nunca adulou as turbas, para que a sua gloria pessoal brilhasse mais esplendida ao clarão dos fachos revolucionarios. Não invejou a suprema magistratura, em que o investiu a revolução; mas sentado na cadeira do goveɹno, nem a falsa timidez da consciencia, nem a hypocrisia da humildade trahiram no monge os deveres do homem publico, nem os empenhos do cidadão.

Se a revolução o foi buscar paro seu caudilho á cadeira professoral, onde germanava no ensino a philosophia e a religião, se elle interrompeu o culto das sciencias para vir amparar no berço a liberdade que apenas bracejava, não foi de certo para que, trocada a tunica monachal pela toga revolucionaria, achasse pretexto para desligar-se da austeridade da sua regra, e correr apoz as distincções honorificas, que elle possuiu o raro condão de ter em menos, nos proprios tempos em que lh'as votava a gratidão dos cidadãos, ou lh'as impunha a munificencia dos soberanos.

Ajudou a fundar a liberdade, mas não para si, porque era monge, e monge permaneceu. Contribuiu para a civilisação desta nossa terra, mas não que lhe sorrissem gratos os commodos da vida, porque nas mais eminentes gerarchias soube sempre conciliar a simpleza do cenobita com o modesto decoro da sua auctoridade e jurisdicção.

O monge de S. Bento, tomando um dos principaes logares na marcha triumphal da revolução, trajando no fastigio do poder a propria vestidura que lhe era insignia de humildade, tornou bem patente que a Providencia confiara a um monge uma das primeiras magistraturas naquella quadra revolucionaria, para tornar bem manifesta uma verdade que se não havia ainda claramente revelado aos espiritos obcecados e pertinazes.

Aquelle religioso, que vem annunciar a Lisboa a alforria de Portugal, é mais do que o membro accidental da junta provisoria, porque é uma ideia personificada. A sua apparição na praça publica litteralmente quer dizer, que as ordens religiosas tem cumprido o seu destino em Portugal. É um dos ultimos ornamentos do claustro que vem celebrar as primeiras festas da liberdade, porque é chegado o momen

to em que o monge sem anticipar a ordem dos tempos, e sem violentar a lei providencial da historia, deve abdicar diante da fraternidade nacional a fraternidade privilegiada do mosteiro, e volver á sociedade commum, donde o havia desterrado a barbaridade dos seculos passados.

Eram terminados os dias em que o monge podia servir na austeridade do seu instituto a humanidade e o progresso. A civilisação, em quanto a não haviam deixado florir e vecejar á luz do sol, tinha buscado sob as abobadas do mosteiro a ultima cidadela do entendimento e o extremo refugio da illustração. Mas o claustro era neste seculo estreito ambito para a civilisação que ia trasbordando e levando comsigo na torrente as instituições e os costumes que havia derrocado. A tribuna, a imprensa, as assembléas populares, a magestade da opinião, a emancipação da intelligencia humana, a secularisação do ensino e a crescente popularidade das sciencias e das lettras, tirando ao monge o privilegio da erudição, e a preeminencia das virtudes, egualaram tacitamente o ermo e o povoado, e tornaram desde então superflua e paradoxal na sociedade a missão que a Providencia confiára n'outros seculos ás congregações religiosas.

A revolução, de que Fr. Francisco de S. Luiz fôra um dos conselheiros, veio a expirar bem cedo no frenesi reaccionario. O monge benedictino, já então bispo de Coimbra, teve de expiar a parte que tomára nos acontecimentos da sua patria. Elegendo para logar do seu encerro o convento da Batalha, os ocios do estadista fructificaram na placidez do claustro, e enriqueceram as lettras com a Memoria historica sobre aquella celebrada e grandiosa edificação.

O regimen constitucional, restaurado pela Carta, chamou de novo á vida publica a D. Fr. Francisco de S. Luiz. As turbações civis, que alteraram de novo a fórma do governo em Portugal, condemnaram outra vez o nosso consocio ás amarguras do desterro, assignando-lhe por logar de estreita reclusão o convento da Serra d'Ossa. Daquelle carcere religioso, onde jazeu por seis annos o prelado portuguez, o veio libertar a victoria das armas constitucionaes, e a patria pôde novamente ver aproveitadas as preciosas qualidades que haviam revelado no Cardeal Saraiva o estadista prudente e consummado.

Desde então a sua vida correu quasi sempre tranquilla repartida entre as obrigações da vida publica, e o affecto e predilecção com que o Cardeal nunca soubera deslembrar um momento os estudos litterarios. Já preconisado para a cadeira patriarchal, publicou D. Fr. Francisco de S. Luiz o seu *Indice chronologico das navegações, via-*

*gens e descobrimentos dos Portuguezes nos paizes ultramarinos.* E ainda a provecta edade em que o veio achar aquella suprema prelatura, lhe não prohibiu inteiramente, até o fim da vida, as suaves deleitações em que o seu espirito se deliciava, cultivando ainda a erudição e as boas lettras.

O dia 7 de maio de 1845 veio apagar no fastigio das grandezas humanas, e depois de uma carreira litteraria de 60 annos, aquella intelligencia, que ainda nos seus extremos lampejos bem deixava adivinhar qual haveria sido a intensidade do brilho juvenil.

A vida do Cardeal Saraiva foi copiosa de exemplos que imitar e que seguir. Na vida publica, foi a modestia que governou com elle ao lado da discrição e do conselho. Na cadeira pastoral foi a humildade que tornou branda e proveitosa a auctoridade do prelado. Na Academia em laboriosas investigações durante mais de 50 annos, foi a indefessa actividade do espirito que fez do Cardeal o mais ferveroso cultor da linguagem e das lettras portuguezas.

Deixemos á historia inscrever no lugar proprio a reputação politica de D. Fr. Francisco de S. Luiz. Esperemos que a egreja lusitana lhe consagre nos seus annaes a coroa de benemerito. E nós, que só temos jurisdição e auctoridade para votar os louros litterarios, gravemos o seu nome nos fastos academicos, a par dos mais illustres e memoraveis, com que ainda hoje se ennobrece esta Real Academia.